

Perspectiva didática para auxiliar no fortalecimento da identidade indígena do povo Mendonça Potiguará

ARTIGO

Aleson da Silva Fonsecaⁱ

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, SP, Brasil

Paulo Brilhante da Silvaⁱⁱ

Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

Resumo

Objetivou-se relatar as contribuições de uma sequência de ensino, que discutiu as implicações do marco temporal de terras indígenas, que contribuiu na elaboração de fábulas indígenas, de modo, a descrever como essa literatura pode auxiliar no fortalecimento da identidade étnica do povo Mendonça Potiguará. A sequência de ensino foi desenvolvida em 2021 com, aproximadamente, 150 estudantes da Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio Professor Francisco Silva do Nascimento. Adotou-se à abordagem metodológica de Questões Sociocientíficas para o tratamento das implicações do marco temporal de terras indígenas, sob a perspectiva dos Três Momentos Pedagógicos. Os alunos foram divididos em cinco grupos e tiveram que planejar e constituir uma fábula indígena, cada um. As fábulas produzidas foram escritas em duas versões, uma na língua portuguesa e outra versão traduzida para a língua materna (Tupi Antigo).

Palavras-chave: Marco temporal de terras indígenas. Questão sociocientífica. Relações Étnico-raciais. Fábula indígena.

Didactic perspective to assist in strengthening the indigenous identity of the Mendonça Potiguará people

Abstract

The objective was to report the contributions of a teaching sequence that discussed the implications criterion for demarcating indigenous lands, which contributed to the elaboration of indigenous fables, in order to describe how this literature can help strengthen the ethnic identity of the Mendonça Potiguará people. The teaching sequence was developed in 2021, with approximately 150 students from the Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio Professor Francisco Silva do Nascimento. The methodological approach of socioscientific issues was adopted for the treatment of the implications of the criterion for demarcating indigenous, under the perspective of the Three Pedagogical Moments. The students were divided into five groups and had to plan and make up an indigenous fable, each one. The fables produced were written in two

versions, one in Portuguese and another version translated into the mother tongue (Ancient Tupi).

Keywords: Criterion for demarcating indigenous. Socio-scientific issue. Ethnic-Racial Relation. Indigenous Fable.

1 Introdução

2

O instrumento jurídico que regulamentou a obrigatoriedade da inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo escolar no ensino Fundamental e Médio, em âmbito brasileiro, se deu por meio da aprovação da Lei Nº 11.645, de 10 de março de 2008 (BRASIL, 2008). Com isso, as práticas pedagógicas devem ser orientadas para contribuir na valorização dos aspectos sociais e o fortalecimento identitário dos povos originários no Brasil.

Diante desse marco, Brandileone e Valente (2018, p. 199) enfatizam:

[...] significou não apenas o reconhecimento dos indígenas no processo de formação da sociedade brasileira, mas também o estabelecimento de novas diretrizes para viabilizar ações para a implementação e efetivação de (novas) práticas pedagógicas no currículo escolar, mais especificamente no âmbito do ensino de história, literatura brasileira e educação artística.

É notório o reconhecimento que os povos indígenas, do Brasil, apresentam formas identitárias peculiares, de modo que as práticas sociais e sua organização são diferenciadas, assim como os valores simbólicos, tradições, saberes, modos de constituição e difusão do conhecimento, os quais estão diretamente vinculados ao repertório cultural da etnia. À vista disso, no âmbito educacional, essas singularidades dos povos indígenas passaram a ser um elemento fundamental para orientação das práticas escolares, como possibilidade para auxiliar na valorização da cultura, o fortalecimento dos aspectos étnicos e manutenção das relações intersocietárias fundamentadas na interculturalidade (HENRIQUES et al., 2007).

Diante do exposto, um exemplo de política pública educacional ocorreu mediante a aprovação da Resolução Nº 5, de 22 de junho de 2012, que define as diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar indígena, na educação básica, de modo a

orientar as escolas indígenas nas ações educativas, tendo em vista as suas especificidades, diante do seu projeto político-pedagógico (BRASIL, 2012). Essa política educacional orientou a construção do Documento Curricular do Estado do Rio Grande do Norte, que garante:

O direito à escolarização nas próprias línguas, a valorização de seus processos próprios de aprendizagem, a formação de professores da própria comunidade, a produção de materiais didáticos específicos, a valorização dos saberes e práticas tradicionais, além da autonomia pedagógica (RIO GRANDE DO NORTE, 2018, p. 45).

3

Considerando os aspectos da autonomia docente, em especial, a elaboração de materiais didáticos, específicos, que auxiliem na formação crítica dos estudantes e valorização étnica surge o projeto educacional intitulado “O curioso caso da família do Jabutino: lições para uma ação sociopolítica”, essa ação educativa estava ligada a uma sequência de ensino que abordou as tensões que existem nesta temática, principalmente, visando a compreensão das implicações sociais, políticas, econômicas, ambientais, éticas e morais do marco temporal de terras indígenas, tendo em vista sua abrangência e o nível de repercussão nos meios de comunicação, adotou-se abordagem metodológica de Questões Sociocientífica (QSC) (MARTÍNEZ-PEREZ, 2012; RATCLIFFE; CRACE, 2003), por se tratar de um assunto fronteiro entre diversas áreas do conhecimento, ser um tema polêmico, mas com possibilidade de levar à tomada de decisão sociopolítica, envolver raciocínio ético e moral, apresentar notoriedade pela abrangência nacional, mediante os conflitos de interesses, dividindo opiniões e argumentos entre indígenas, indigenistas e ruralistas, de modo que ganhou destaque na mídia, principalmente, no período em que esse tema estava sendo debatido pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

À discussão da tese do marco temporal de terras indígenas é uma ação jurídica, a qual estava em tramitação na Suprema Corte, que julgava o futuro da Terra indígena Ibirama-La Klãnõ, dos povos Xokleng, Kaingang e Guarani. Por se tratar de um tema de repercussão geral, a jurisprudência do STF, baseada na apreciação do argumento dos ruralistas, indígenas e indigenistas, determinaria o futuro das demarcações de áreas em âmbito brasileiro. Nesse sentido, os ruralistas reivindicavam uma segurança jurídica, a partir da definição do critério temporal, dito de outra maneira, os indígenas só teriam o

direito de reivindicar a posse da terra se conseguissem comprovar que a ocupavam na data da promulgação da Constituinte, em 5 de outubro de 1988, sendo assim, desconsiderava o direito “originário à terra” e não levava em consideração os indígenas que foram expulsos de suas áreas, tradicionalmente, ocupadas (ANJOS et al., 2021).

Tendo em vista a abrangência do tema em questão, a proposta de garantir a formação crítica, a possibilidade de auxiliar na constituição de um juízo de valor e tomada de decisão, por parte dos estudantes, no contexto da modalidade de Educação Escolar Indígena, o projeto educacional foi elaborado e aplicado em uma Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio, localizada no Território Indígena do Povo Mendonça Potiguara, no município de João Câmara/RN.

A história do povo Mendonça Potiguara, embora haja algumas divergências, no relato da história oral, que remonta a origem do grupo familiar Mendonça, o que se sabe até o momento é que esse grupo corresponde a miscigenação dos indígenas Tapuia com os da etnia Potiguara, de modo que ocorreu a migração no século XVIII de indígenas advindos do Brejo de Bananeiras/PB até uma vasta região, que era denominada de Amarelão, onde se estabeleceu o grupo Mendonça, o qual adota essa denominação até os dias atuais. Cabe destacar que a comunidade do Amarelão está situada na Zona Rural, no município de João Câmara, mas todo o Território Mendonça Potiguara é constituído por diversas localidades que pertencem aos limites de outros municípios (GUERRA, 2011).

Portando, o objetivo deste trabalho é relatar as contribuições de uma sequência de ensino, que discutiu as implicações do marco temporal de terras indígenas, a partir de uma abordagem QSC, que contribuiu na elaboração de fábulas indígenas, sobretudo, pretende-se descrever como essa literatura pode auxiliar no fortalecimento da identidade étnica do povo Mendonça Potiguara.

2 Metodologia

A elaboração da proposta de ensino ocorreu com o auxílio do Instrumento de Planejamento e Avaliação Didática de Questões Sociocientíficas (IPADQSC), a partir dos critérios descritos para a etapa do planejamento (FONSECA; COSTA, 2022). Assim, definiu-se a sequência de ensino “O curioso caso da família do Jabutino: lições para uma ação sociopolítica”, de autoria do primeiro autor deste artigo, e contou com a cooperação de todos os professores da escola, e com o apoio das lideranças indígenas do Território Mendonça Potiguara.

A sequência de ensino foi desenvolvida entre os meses de outubro e novembro de 2021, correspondendo ao terceiro bimestre letivo, de modo que foi aplicada com aproximadamente 150 estudantes em nível educacional de Ensino Fundamental e Médio, na modalidade Regular e EJA, todos matriculados no turno noturno, da Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio Professor Francisco Silva do Nascimento. As etapas de execução do projeto ocorreram de forma presencial, uma vez que, os estudantes, por se tratar de indígenas, foram incluídos no grupo prioritário de vacinação, de forma que quase que, majoritariamente, os estudantes encontravam-se vacinados, com as duas doses do imunizante contra o SARS-CoV-2. Destaca-se, ainda, que algumas outras atividades, dessa sequência de ensino, foram realizadas no contraturno, nesse sentido, as orientações eram repassadas de forma remota.

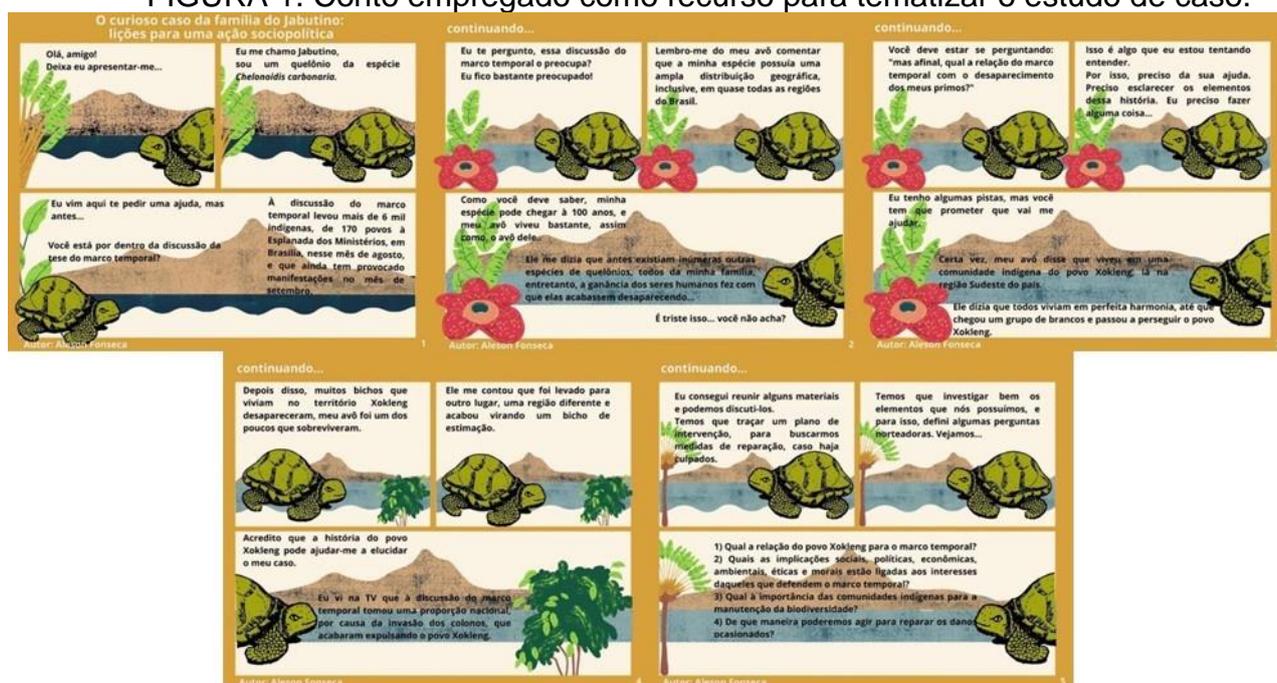
Tendo em vista a abrangência do tema, adotou-se a abordagem metodológica de Questões Sociocientíficas (RATCLIFFE; CRACE, 2003), para tratar dos aspectos controversos e conflituosos, que permeiam a temática do marco temporal sob a perspectiva dos Três Momentos Pedagógicos (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2002), a saber, i) Problematização inicial, ii) Organização do conhecimento e iii) Aplicação do conhecimento.

A exposição do problema, as etapas de levantamento e tratamento dos dados ocorreram mediante a utilização do gênero textual Conto com tipologia narrativa, em que por meio de uma história fictícia, um personagem denominado de “Jabutino” relata algumas das memórias do seu avô quando vivia no Território do povo Xokleng, antes da invasão dessa área.

A escolha dessa estratégia de problematização visava à exposição do estudo de caso, de forma atrativa, interativa e lúdica. Desta forma, o personagem criado (Jabutino) delimita as etapas e as ações para enfrentamento do tema, guiando os estudantes na coleta de informações e apreciação dos dados, por meio de um conjunto de atividades articuladas e desencadeadas. A seguir é apresentado o Conto que serviu como instrumento para tematização da sequência de ensino (FIGURA 1).

i) *Problematização inicial:*

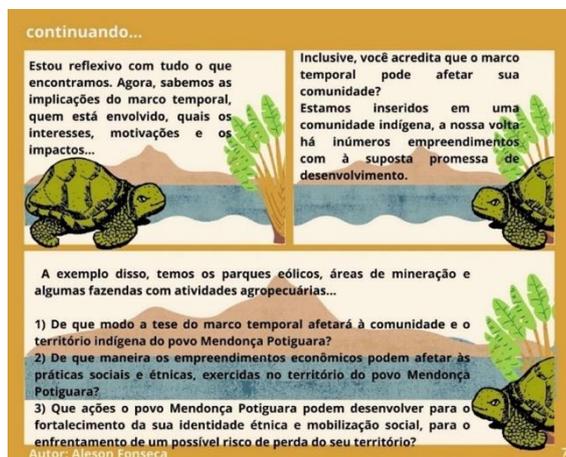
FIGURA 1. Conto empregado como recurso para tematizar o estudo de caso.



ii) *Organização do conhecimento:*



iii) *Aplicação do conhecimento:*



Fonte: Elaboração própria (2021).

Com base no exposto, a partir das informações narradas pelo “Jabutino” no primeiro momento, *problematização inicial*, há a exposição de uma situação problema que precisa ser investigada pelos estudantes. No segundo momento, *organização do conhecimento*, os estudantes de posse dos dados coletados teriam que produzir materiais de divulgação do tema da sequência de ensino, resumizando-os e destacando informações fundamentais para compreensão do tema em questão. Em seguida, no último momento de *aplicação do conhecimento*, verifica-se que o personagem lança novas

situações problemas, para conduzir os estudantes a uma reflexão, diante dos efeitos do marco temporal no Território Mendonça Potiguara.

No entanto, destaca-se que o presente artigo não visa à divulgação das contribuições do projeto de forma geral, tendo em vista que a sequência de ensino resultou em um conjunto de dados, que serão explorados em publicações futuras, dito de outra forma, o foco do manuscrito, em tela, está na descrição das ações, que levaram a elaboração das fábulas indígenas escritas pelos alunos.

Para início da ação, os estudantes foram divididos em cinco grupos, que reuniam estudantes de turmas diferentes, de modo a garantir a heterogeneidade para realização do trabalho em uma perspectiva sociointeracionista (VYGOTSKY, 1988).

Até os discentes chegarem à etapa de elaboração das fábulas, que ocorreu no segundo momento de *organização do conhecimento*, eles tiveram que investigar as implicações do marco temporal e socializá-las no grande grupo, que estava organizado na forma de plenária para privilegiar as interações dialógicas de modo coletivo.

Posteriormente, foi enfatizado na plenária, pelos estudantes, que o marco temporal poderia afetar as comunidades indígenas e suas práticas culturais, de modo que às histórias orais que retratam a visão de mundo, das comunidades indígenas, poderiam ser perdidas. Para contribuir na preservação, das práticas culturais e a identidade étnica, foi apresentado o gênero textual Fábula, suas características e exemplos de alguns textos de origem indígena, ressaltando, por meio da discussão coletiva, o nível de importância desse gênero textual na manutenção dos aspectos culturais da história do povo.

Por conseguinte, foi explicado aos estudantes que comunidades indígenas apresentam uma cosmovisão singular, convidando-os a refletirem sobre histórias que os mais antigos da comunidade Mendonça relatavam, pela história oral, revelando aspectos simbólicos da cultura: os valores, crenças, costumes, normas, linguagem, percepção e formas de se relacionar com o mundo etc.

Logo após, os grupos foram divididos e receberam um instrumento, para orientar suas ações no planejamento e constituição da fábula indígena, sob o auxílio do professor

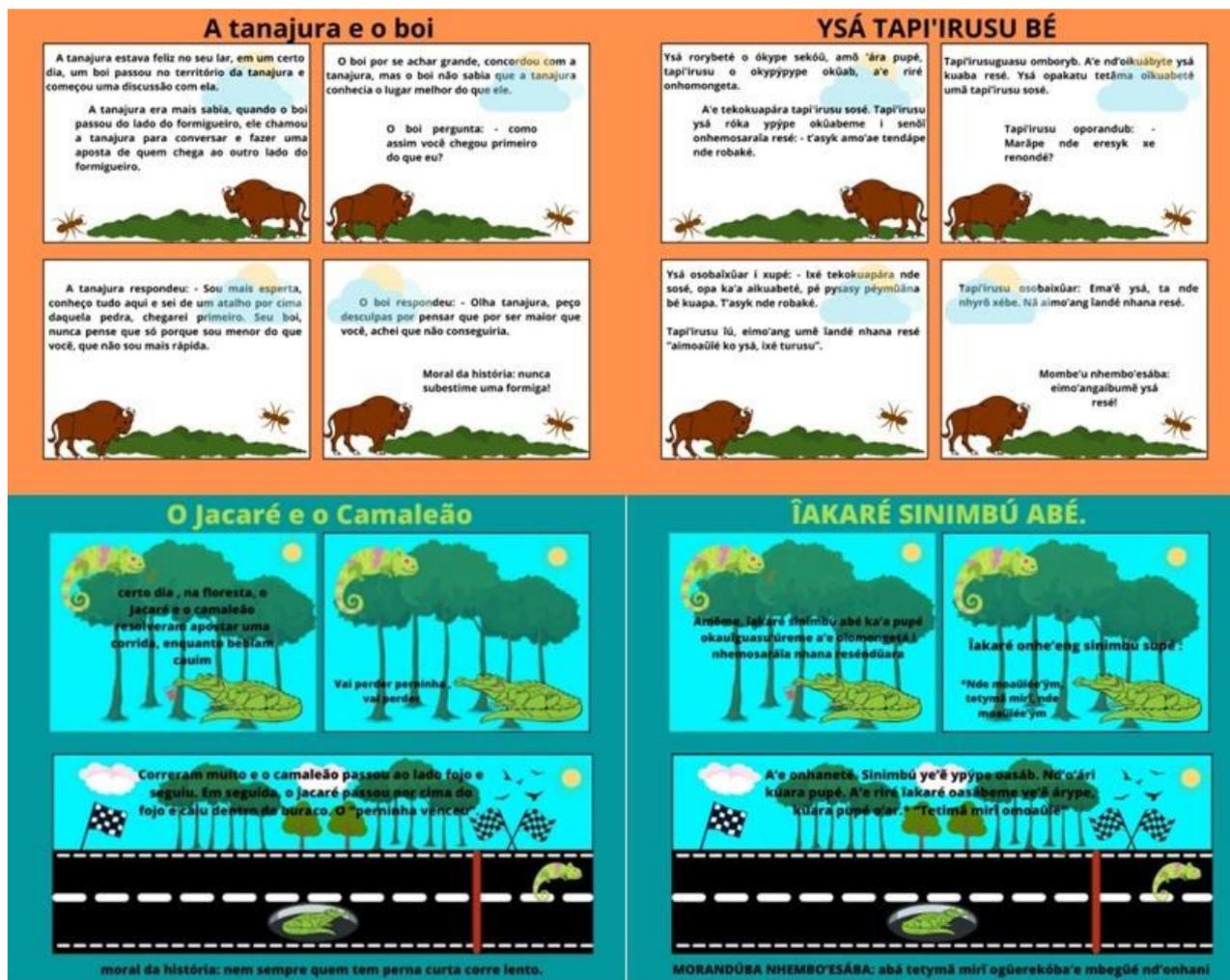
orientador, o material usado nessa atividade pode ser consultado através do link: <https://drive.google.com/drive/folders/1kloUbvlopKfIEQOig2QbD4epFD8QkbOW>.

Após o planejamento e constituição das fábulas deu-se início a oficina de produção do conteúdo visual, os grupos tiveram que usar os recursos de design gráfico da plataforma Canva, para criação da imagem visual das suas produções, o professor e autor do projeto atuou dando suporte aos grupos. Posteriormente, as fábulas que estavam escritas, em língua portuguesa, foram traduzidas para a língua materna (Tupi Antigo), para isso, o professor desse componente curricular deu o suporte necessário para garantir a tradução. Todo o material produzido foi entregue ao gestor da escola e encontra-se disponível na instituição, para que seja utilizado como recurso didático para as próximas turmas.

3 Resultados e Discussão

Verificou-se que cada grupo, ao final de dois dias, conseguiu elaborar pelo menos uma fábula, totalizando cinco produções escritas pelos estudantes indígenas (FIGURAS 2, 3 e 4), em que retratam os valores culturais do povo Mendonça Potiguara. Como pode ser observado, os animais presentes nas produções e que compõem o núcleo de personagens, em sua maioria, correspondem à espécimes da fauna local, com exceção do Grupo 2, que fez uso de um jacaré como um dos personagens.

FIGURA 2. Fábula indígena elaborada pelos integrantes do Grupo 1 e Grupo 2, respectivamente (versão em escrita em língua portuguesa e língua Tupi antigo).



Fonte: Dados da sequência de ensino (2021).

FIGURA 3. Fábula indígena elaborada pelos integrantes do Grupo 3 e Grupo 4, respectivamente (versão em escrita em língua portuguesa e língua Tupi antigo).

<h3>O fracasso da raposa</h3> <p>Era uma vez uma raposa que estava passeando e encontrou o tatu que estava saindo da sua toca.</p>		<h3>Agûará moaúieé'yma</h3> <p>Agûará ka'a rupi oguatáreme amô 'ára pupé tatu osobaitî, a'e osem o kûara sui.</p>	
<p>A raposa, com sua esperteza, tentou comer o tatu para roubar a sua toca.</p>		<p>Agûará, opamba'ekuapára, otatu'umo'ang sóka mondábo.</p>	
<p>O tatu foi mais esperto do que ela e virou uma bola. A raposa mordeu, mordeu e não conseguiu matar o tatu.</p>		<p>Tatu, opamba'ekuapára sosé onhemoapu'a, a'e tatuapareté. Agûará oixu'uxu'u i ñukae'yma.</p>	
<p>Então a raposa desistiu de pegá-lo e foi embora.</p> <p>MORAL DA HISTÓRIA: sempre confie nas suas qualidades.</p>		<p>A'ereme, agûará i apor tatu pysyka resé osóbo.</p> <p>MORANDUBA NHEMBO'ESABA: erobiár nde resé.</p>	

<h3>A borboleta e a lagarta</h3> <p>Era uma vez, em um belo dia, a borboleta estava passeando por jardim e encontrou a senhora lagarta.</p> <p>Ela falou: - Bom dia, senhora! Borboleta respondeu: - Bom dia, senhora lagarta!</p>		<h3>PANAMÁUSÚ PANAMARĀMA BÉ</h3> <p>Amôme panamáusú 'ybotyratýba 'árybo obebé.</p> <p>A'e panamarāma ogúasem, a'e riré onhe'eng i xupé: - T'landé koéma, panamarāma lú!</p> <p>- T'landé koéma, panamausuté lú! Eresepiakype ybáka koty? A'e xe pepó porangeté berame't sekúú? - Eé, nde pepó i porangeté nhê. Xe anhemonhang panamámano nde pepó labé arekopotá.</p> <p>Panamá opuká. A'e riré onhe'eng; - Nde pepó xe pepó poran berame't nd'onhemonhangí ne.</p>	
<p>E Borboleta responde: - Você já olhou para o céu e viu como está belo igual as minhas asas?</p> <p>Lagarta: - Sim, suas asas são lindas. Eu quando passar pela transição do casulo, quero ter belas asas como as suas.</p> <p>A borboleta riu: hahahahaha.</p> <p>A Borboleta respondeu: você nunca terá asas tão belas como as minhas.</p>		<p>'Ára pukui riré panamáusú nd'osepiaki panamarāma. Amô'aé 'ára pupé panamáusú oguatáreme olepé panamaeté oma'emo, i pepó porangeté o pepó berame't. A'e riré onhe'eng i xupé: - T'landé koéma, panamaeté! Eresepiakype panamarāma iké rupi? Panamaeté osobaixûar: - Aãni. Nde nd'eresepiakybéne!</p>	
<p>Então se passaram dias e a borboleta não viu a senhora lagarta por muito tempo. Certo dia a borboleta estava passeando e viu uma bela borboleta com asas tão belas e deslumbrante.</p> <p>Ela falou: - Bom dia borboleta! Você viu uma lagarta por aqui esses dias? E a outra borboleta respondeu: - Ahhh... você não haverá mais!</p>		<p>E a borboleta tornou a perguntar: - Por quê? E a borboleta respondeu: - Porque ela agora é uma linda borboleta!</p> <p>Moral da história: Às vezes o esforço é necessário para o nosso crescimento e fortalecimento!</p>	

Fonte: Dados da sequência de ensino (2021).

FIGURA 4. Fábula indígena elaborada pelos integrantes do Grupo 5 (versão em escrita em língua portuguesa e língua Tupi antigo, respectivamente).



Fonte: Dados da sequência de ensino (2021).

Como pode ser verificado, nas produções, os estudantes conseguiram compreender os elementos que caracterizam a fábula, representando-os de forma curta, as histórias foram escritas em prosa, com a tipologia narrativa, os personagens, os quais são animais, possuem características antropomórficas e que ao final expõem uma moral, que revelam os valores e sabedorias do povo Mendonça Potiguara. Ademais, há indícios de palavras próprias da cultura indígena, a saber, a expressão “fojo” que corresponde a uma espécie de armadilha comumente empregada nas práticas de caça da região e “cauim” – bebida alcoólica de origem indígena (FIGURA 2).

Isso é indicativo da cosmovisão, singular, das comunidades indígenas, que afloraram nas produções educacionais dos estudantes. Assim, a produção de fábulas se configura enquanto importante estratégia didática, para preservação dos elementos socioculturais da etnia da comunidade indígena, sobretudo, a elaboração desses produtos educacionais, por apresentarem elementos específicos da comunidade, podem ser explorados, futuramente, em aulas específicas nos componentes curriculares dessa instituição de ensino. Enfatiza-se que essa ação didática-pedagógica atende as diretrizes curriculares da educação escolar indígena, no que se refere a valorização sociocultural e a produção de materiais didáticos específicos (RIO GRANDE DO NORTE, 2018).

No entanto, destacam-se alguns obstáculos diante do processo para realização dessas produções, o primeiro consistiu na dificuldade de escrita dos alunos, como verificava-se nas fábulas, há alguns desvios em relação à gramática normativa, isso pode ser efeito da paralização presencial das aulas, tendo em vista que esses estudantes estavam há quase dois anos sem aulas presenciais devido à pandemia, enquanto que outro, especialmente, os discentes da EJA estavam afastados dos espaços escolares a um tempo considerável, agravado, pela ausência de um professor habilitado em Língua Portuguesa na escola, que pudesse dar o suporte na discussão das normas de referência que rege à gramática.

Contudo, ressalta-se que a preservação desses desvios, constatados nas produções textuais da comunidade discente, são variações linguísticas, especialmente, retratadas pela linguagem coloquial dos estudantes, de modo que basicamente as correções efetuadas foram apontadas por outros integrantes do próprio grupo, sendo, as fábulas resultados da elaboração coletiva de cada equipe.

O segundo obstáculo esteve ligado a dificuldade dos alunos em manusear os computadores, mas ao receber as orientações do professor/orientador, pela oficina de utilização do Canva, para produção visual das fábulas, os discentes conseguiram garantir a elaboração dos recursos visuais, em um curto intervalo de tempo, que ocorreu em apenas dois dias.

Como terceiro obstáculo, observa-se que a representação de animais da fauna local apresentava feições distintas das espécies da região. A exemplo disso, observa-se a representação do “boi”, da “tanajura” (FIGURA 2) e da “raposa” (FIGURA 3), tal ressalva foi apontada por alguns estudantes durante a busca por figuras de animais. Sendo assim, o uso das fábulas, sem a devida contextualização, implica em possíveis distorções imagéticas, que são consequências das limitações dos recursos do Canva. Nesse sentido, destaca-se que essa plataforma, embora, seja uma ferramenta atrativa, intuitiva e útil no campo educacional para auxiliar em produções dessa natureza, é válido destacar e problematizar que essa ferramenta está imersa no contexto globalizante, o que pode,

eventualmente, potencializar a homogeneização imagética levando a representações equivocadas da fauna regional.

Contudo, é importante, na medida em que se faça o uso dessas fábulas, como recurso didático, que exista um trabalho de Educação Ambiental no intuito de garantir o entendimento de que essas representações de espécies são resultadas das limitações da plataforma, e que deve existir um trabalho efetivo de convidar os estudantes a buscarem imagens dos animais da região, para fortalecer, na memória dos estudantes indígenas, as representações reais dos animais da sua fauna. Para auxiliar nesse trabalho, solicitar aos estudantes que reflitam sobre as diferenças é um aspecto importante, para evitar essa homogeneização imposta pela globalização.

Chagas (2011) fornece algumas possibilidades de práticas educativas que contribuem para fortalecer os vínculos com os elementos da natureza, para isso, a autora propõe a estratégia de usar trilhas interpretativas, em que os estudantes são convidados a explorarem os diversos sentidos do corpo, em espaços naturais, para desfrutar e estimular as sensações orgânicas e fortalecer o vínculo de pertencimento, que são indispensáveis na valorização e o respeito ao ambiente natural.

Nesse âmbito, Morales et al. (2012) acrescentam o multiculturalismo como proposta de prática educativa, para que se possa compreender as diversas culturas e as relações existentes, enriquecendo as perspectivas e repertórios sociais dos estudantes, que expandem o nível de consciência dos educandos, permitindo-os enxergarem suas particularidades, que tornam sua identidade diferenciada das demais.

Tendo em vista os sistemas de ensino, na modalidade da educação escolar indígena, Henriques et al. (2007, p. 32) acrescentam elementos que foram explorados durante essa prática educativa:

A Educação Escolar Indígena vive hoje impasses com relação à efetivação do que está garantido em diversos textos legais e normativos. É necessário refletir sobre quais alternativas podem ser propostas para acelerar o processo de desenvolvimento da educação escolar indígena sob os princípios da interculturalidade e do bilingüismo ou multilingüismo.

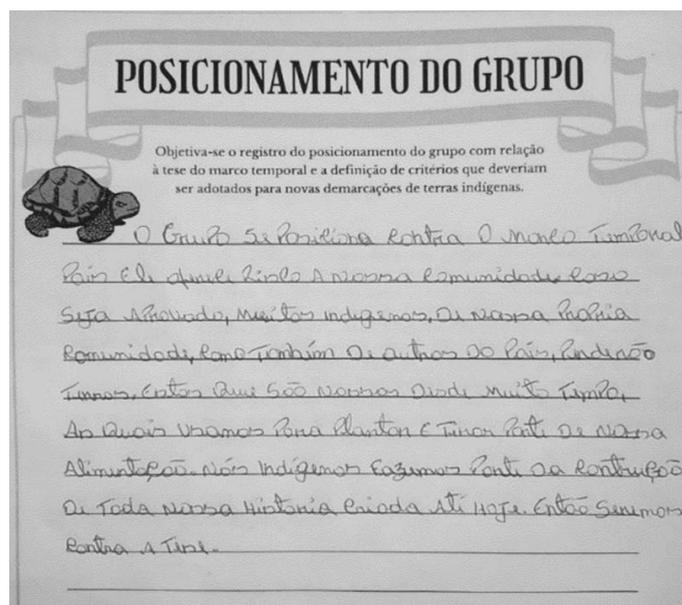
Sendo assim, a estratégia empregada, nessa atividade, que visava à valorização da identidade étnica da linguagem e dos saberes dos povos indígenas no sentido da preservação dos aspectos socioculturais, especialmente, ligados à questão da interculturalidade e do bilinguismo, por isso, é de suma importância garantir a formação docente intercultural, que atenda aos princípios e demandas dessa modalidade de ensino.

No entanto, isso ainda é um desafio das políticas públicas de formação de professores para o trabalho intercultural, principalmente, no Estado do Rio Grande do Norte, em que essa proposta de curso de formação docente, ainda, está em fase incipiente e ainda não está devidamente efetivada.

Por outro lado, considerando o processo formativo, a partir da proposta metodológica implantada, o trabalho desenvolvido a partir da utilização do marco temporal de terras indígenas, balizada por QSC, tornou-se útil como importante abordagem metodológica, para compreensão dos aspectos conflituosos que permeiam o tema analisado.

Ademais, ficou demonstrado, nas fábulas, à valorização da identidade sociocultural do povo Mendonça Potiguara, por ter proporcionado um espaço para que os alunos pudessem explorar sua criatividade, no entendimento dos efeitos do problema investigado diante da sua própria prática social. Isto é, os estudantes após experienciar uma prática educativa, que utilizou dos elementos socioculturais da sua realidade e privilegiou a instauração de um espaço coletivo de reflexão, sobre o efeito do marco temporal e sobre seu próprio território, assim, ajudou esses estudantes a criar um juízo de valor sobre o assunto inquerido, de modo que eles foram capazes de se posicionar (FIGURA 5).

FIGURA 5. Imagem do posicionamento do grupo sobre a tese do marco temporal.



Fonte: Dados da sequência de ensino (2021).

A imagem acima representa a última atividade da sequência de ensino, que solicitava aos grupos o posicionamento sobre a tese do marco temporal de terras indígenas, isso ocorreu após os levantamentos das implicações sociais, políticas, econômicas, ambientais, éticas e morais, que foram reveladas pela análise dos argumentos dos indígenas e dos ruralistas, isso, correspondeu às atividades anteriores a produção das fábulas. Nesse sentido, os alunos foram capazes de expressar seu juízo de valor, ressaltando a sua identidade enquanto grupo étnico originário e seu parecer perante a imposição desse critério temporal para demarcação de terras.

4 Considerações finais

Considera-se que a escolha do tema “marco temporal de terras indígenas” se mostrou como importante recurso, para o tratamento de aspectos controversos, que permeiam os argumentos dos agentes envolvidos. Portanto, a abordagem metodológica empregada nessa sequência possibilitou a criação de fábulas indígenas, que conseguiram registrar a cosmovisão do povo Mendonça Potiguara, configurando-se como estratégia de fortalecimento da identidade étnica, e servindo como instrumento de preservação da

linguagem, dos valores, normas, princípios e percepções do mundo que são singulares desse grupo familiar. Sendo assim, a escola teve um papel fundamental na mobilização dos professores, funcionários e demais lideranças do Território Mendonça para efetivação dessa sequência de ensino.

Contudo, destaca-se a necessidade de maior investimento em políticas públicas voltadas a formação docente, no contexto da interculturalidade e constituição de novas QSC, diretamente, vinculadas à questão indígena, garantindo, também, o encorajamento dos professores para o tratamento desses aspectos na prática pedagógica, de forma que sejam produzidos instrumentos teórico-metodológicos, úteis, para auxiliar na formação do pensamento crítico e reflexivo, em ações sociopolíticas, dos estudantes nos territórios indígenas e assim contribuir para fortalecimento, valorização e (re)afirmação da sua identidade étnica.

Referências

ANJOS, A. et al. **Justiça e o marco temporal de 1988**: as teses jurídicas em disputa no STF sobre terras indígenas. 2021. Disponível em: [https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/Justica-e-o-marco-Temporal-de-1988-\(final\).pdf](https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/Justica-e-o-marco-Temporal-de-1988-(final).pdf). Acesso em: 22 nov. 2021.

BRANDILEONE, A. P. F.N.; VALENTE, T. A. Literatura indígena para crianças: o desafio da interculturalidade. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, v. 1, n. 53, p. 199-217, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/2316-4018538>

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 5, de 22 de junho de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena. Diário Oficial da União, Brasília, 2012. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_05_12.pdf. Acesso em: 26 nov. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em: 26 nov. 2021.

CHAGAS, K. K. N. **Por uma educação ambiental corporalizada: a emoção em trilhas interpretativas.** Natal: Editora IFRN, 2011.

FONSECA, A. S.; COSTA, I. A. Instrumento de Planificación y Evaluación Didáctica de Cuestiones Sociocientíficos (IPADQSC) como material didáctico de apoyo al profesor. **Paradigma**, v. 43, n. 2, 2022. Disponível em: [10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2022.p154-192.id1183](https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2022.p154-192.id1183). Acesso em: 26 nov. 2021.

GUERRA, J. G. A. **Identidade indígena no Rio Grande do Norte: caminhos e descaminhos dos Mendonça do Amarelão.** Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

HENRIQUES, R.; GESTEIRA, K.; GRILLO, S.; CHAMUSCA, A. **Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola.** Brasília: Ministério da Educação, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoindigena.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2021.

MARTÍNEZ-PÉREZ, L. F. **Questões sociocientíficas na prática docente: ideologia, autonomia e formação de professores.** São Paulo: Editora Unesp, 2012. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/bd67t>. Acesso em: 26 nov. 2021.

MORALES, A. G. et al. **Educação ambiental e multiculturalismo.** Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.

RATCLIFFE, M.; GRACE, M. **Science education for citizenship: teaching socio-scientific issues.** Maidenhead: Open University Press, 2003.

RIO GRANDE DO NORTE. **Documento curricular do Estado do Rio Grande do Norte: Ensino Fundamental.** Secretaria da Educação e da Cultura. Natal: Offset, 2018. Disponível em: <http://www.adcon.rn.gov.br/ACERVO/seec/DOC/DOC00000000192020.PDF>. Acesso em: 26 nov. 2021.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ⁱ Aleson da Silva Fonseca, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7148-9208>

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Doutorando em Educação para a Ciência pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFRN) – 2021. Especializações em Gestão Ambiental / Educação Ambiental e Geografia do Semiárido, ambas pelo Instituto Federal de Educação,

Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN (2018-2021, respectivamente). Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – 2017. Contribuição de autoria: coletou os dados, redigiu as considerações iniciais, finais, metodologia, fundamentação teórica e análises.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7428339911970142>

E-mail: aleson.fonseca@unesp.br

ii **Paulo Brilhante da Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-7354-5730>

Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Especialista em Ensino de Espanhol pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – 2018, Especialista em Literatura e Ensino Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) – 2019. Graduado em Letras Língua Espanhola e Literaturas Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – 2015.

Contribuição de autoria: redigiu as considerações iniciais, metodologia, fundamentação teórica, análises e revisou todo o manuscrito.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1781212477076227>

E-mail: paulobrilhante3305@gmail.com

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Especialista *ad hoc*: Ana Maria Leite Lobato e Luís Távora Furtado Ribeiro

Como citar este artigo (ABNT):

FONSECA, Aleson da Silva; SILVA, Paulo Brilhante da. Perspectiva didática para auxiliar no fortalecimento da identidade indígena do povo Mendonça Potiguar. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 5, e510467, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v5.10467>

Recebido em 07 de fevereiro de 2023.

Aceito em 10 de maio de 2023.

Publicado em 10 de maio de 2023.